

ALUNOS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA E SUA INCLUSÃO NAS AULAS ONLINE¹

STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER AND THEIR INCLUSION IN ONLINE CLASSES

Rodrigo Regert²

<https://orcid.org/0000-0001-6416-0044>

Carine Alves dos Santos³

<https://orcid.org/0000-0002-7166-4360>

Millady Diany Avila⁴

<https://orcid.org/0009-0007-7417-7465>

Joel Haroldo Baade⁵

<https://orcid.org/0000-0001-7353-6648>

Aline Sartorel⁶

<https://orcid.org/0009-0002-9513-9496>

Gilberto Medeiros Borges Junior⁷

<https://orcid.org/0009-0008-7356-9923>

Sabrina Frigotto⁸

<https://orcid.org/0000-0003-2968-1607>

Recebido em: 12 nov. 2022

Aceito em: 30 maio 2023

RESUMO

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é considerado um distúrbio caracterizado precocemente, com múltiplos impactos no desenvolvimento humano voltado às áreas de comunicação, interação e aprendizado, sendo uma temática muito debatida na

¹ Uma versão resumida deste trabalho foi apresentada no XI Seminário de Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão – SEDEPEX, realizado em julho de 2020, na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

² Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP. Mestre em Educação pela Universidad Tecnologica Intercontinental (UTIC). Docente do Estado de Santa Catarina. E-mail: regert.rodrigo@gmail.com.

³ Especialista em Base Nacional Comum Curricular e Gestão Escolar pela Universidade Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). Docente do Município de Videira – SC. E-mail: carinealvesdossantos@outlook.com.

⁴ Especialista em Educação Inclusiva pela UNIASSELVI. Docente da Rede Estadual de Educação – SC em Videira SC. E-mail: milladyavila71@gmail.com.

⁵ Doutor. Docente nos programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e Profissional em Educação Básica da UNIARP. E-mail: baadejoel@uniarp.edu.br. Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC, Edital de Chamada Pública Fapesc Nº 15/2021 - Programa de Ciência, Tecnologia e Inovação de Apoio aos Grupos de Pesquisa da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACAFE, Termo de Outorga Nº: 2021TR001152.

⁶ Mestre em Educação, UNOESC. Coordenadora do Núcleo Educacional de Educação Básica e Superior do SENAC – Videira SC. E-mail: aline.sartorel@sc.senac.br.

⁷ Mestre em Desenvolvimento e Sociedade, UNIARP. Docente do SENAC – Videira SC. E-mail: gilberto.borges@prof.sc.senac.br.

⁸ Acadêmica da 8ª fase do Curso de Direito da UNIARP. E-mail: sabrinafrigotto19@gmail.com.

atualidade devido a sua complexidade. Neste contexto, a escola deve ser um espaço inclusivo e respeitoso, que se adequa as particularidades de cada indivíduo, ofertando um ensino capaz de formar a todos de maneira integral, independentemente de suas limitações. Dessa forma, o presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância da inclusão e a mediação de atividades via Plataformas Online a alunos com TEA, realizando a inclusão destes jovens em todas as esferas. A pesquisa é de natureza básica com abordagem qualitativa, utilizou-se ainda o método dedutivo, partindo-se de premissas gerais para alcançar um resultado específico. Se faz fundamental a existência de ações para o desenvolvimento de atividades nas aulas online voltadas as crianças que possuem TEA, pois o papel da escola, docentes e família é essencial nesse momento, para que assim a criança possa ter a possibilidade de se desenvolver integralmente.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Mediação Pedagógica. Aulas Online.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is considered a disorder characterized early, with multiple impacts on human development focused on the areas of communication, interaction and learning, being a topic much debated today due to its complexity. In this context, the school must be an inclusive and respectful space, which adapts to the particularities of each individual, offering a teaching capable of forming everyone in an integral way, regardless of their limitations. In this way, this article aims to reflect on the importance of inclusion and the mediation of activities via Online Platforms to students with ASD, carrying out the inclusion of these young people in all spheres. The research is of a basic nature with a qualitative approach, the deductive method was also used, starting from general premises to achieve a specific result. The existence of actions for the development of activities in online classes aimed at children who have ASD is essential, as the role of the school, teachers and family is essential at this time, so that the child can have the possibility to fully develop.

Keywords: Autism. Inclusion. Pedagogical Mediation. Online Classes.

INTRODUÇÃO

Sob o olhar de diversos estudiosos do tema o Transtorno de Espectro Autista (TEA) é para toda vida. Com tal afirmação, se faz indispensável promover e aumentar a independência do autista, através da intervenção pedagógica significativa, que explora os limites e as capacidades do indivíduo. A participação efetiva do ente escolar comina com o desenvolvimento de competências capazes de traçar uma trajetória

funcional e autônoma, o que só é possível com uma inclusão integrada no espaço de ensino (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

Em tempos normais já se mostra desafiadora a inclusão de alunos com TEA no âmbito escolar, em virtude das limitações pedagógicas existentes nas escolas brasileiras. Durante este período de pandemia da Covid-19 tornou-se ainda mais latente a discrepância do aprendizado absorvido por discentes nesta condição (GIKOVATE; BRITO, 2019).

Tenha-se em vista que a brusca mudança de rotina e o isolamento desencadeiam alterações emocionais e de comportamento nessas crianças e adolescentes, deixando-os agitados, ansiosos e até mesmo agressivos (GIKOVATE; BRITO, 2019).

Considerando o exposto, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da inclusão e a mediação de atividades via Plataformas Online a alunos com TEA.

Quanto à metodologia, a pesquisa é de natureza básica, pois a *priori* não há intenção de aplicá-la, mas sim, fazer uma reflexão, por isso sua abordagem será qualitativa e o objetivo descritivo. O procedimento metodológico dar-se-á de modo bibliográfico.

Já para atingir o objetivo proposto, o estudo irá deslindar pontos fundamentais: explanará de maneira breve, sobre o TEA e a Inclusão no contexto escolar; apontará sugestões de intervenções pedagógicas com esses indivíduos, sobretudo no período de pandemia, para amenizar os impactos do isolamento social e da mudança de rotina gerada.

TRANSTORNO DE ESPECTRO AUSTISTA

Os primeiros estudos acerca do autismo surgiram em meados de 1940 por Leo Kanner, o qual diagnosticou o autismo como uma psicose gerada pela falta de amor, determinando comportamentos antissociais e obsessivos. Após Kanner, outros estudiosos científicos surgiram com diagnósticos diferenciados, na tentativa de compreender esses indivíduos tão “incompreensíveis” (ORRU, 2012).

Nos dias atuais, o TEA é considerado um distúrbio caracterizado precocemente, com múltiplos impactos no desenvolvimento humano voltado às áreas de comunicação, interação e aprendizado (MELLO, 2007).

A partir de dados publicados pela Organização das Nações Unidas (ONU), o TEA chega a 1% da população em nível mundial, estimando-se em torno de dois milhões de casos só no Brasil no ano de 2010 (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Esse aumento despertou pesquisadores pela busca de mais respostas e até mesmo de uma possível cura. Porém, pelo insucesso, o que foi levado em pauta é o reconhecimento sobre a necessidade e importância da intervenção escolar e pedagógica nesse processo, para promover a aprendizagem e a socialização no ambiente educativo (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Nessa perspectiva, é válido mencionar a Lei nº 12.764/2012, que estabelece a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Nela se prevê e garante a acessibilidade em um sistema inclusivo em todos os níveis educacionais com profissionais capacitados para intervir de maneira a promover a inclusão (BRASIL, 2012).

O Transtorno de Espectro Autista deve ser compreendido para que a inclusão possa acontecer dentro de um currículo escolar adaptado e capaz de conduzir o professor a concretização de uma aula transformadora e capaz de alcançar a todos os alunos (SOARES, 2019).

Quando inserido no ambiente escolar, mais precisamente na sala de aula, uma criança autista precisa adaptar-se e criar suas próprias ferramentas de aproveitamento escolar. O educador atua como mediador, de forma a conduzir o discente na busca pelo desconhecido (CAMINHA et al, 2016).

Sendo assim, a lei Berenice Piana nº 12.764/2012 promove a criança autista o direito de um acompanhamento especializado, desde que haja a comprovação da necessidade. Este mediador em conjunto com a equipe pedagógica, deve trabalhar para a efetiva inclusão escolar.

Importante ressaltar que existem vários graus e condições decorrentes do autismo, é o que se extrai da doutrina:

O autismo é considerado pela ciência uma condição de saúde, onde há vários graus de comprometimento, podendo estar associado a outras comorbidades e condições clínicas como TDAH, deficiência intelectual, esquizofrenia, ansiedade, fobia, distúrbio do sono, transtorno do processamento sensorial, entre outros. Além disso, podem ter altas habilidades e superdotação, que é uma condição que foge do padrão de desenvolvimento, mas não por isso, as crianças com essas características podem precisar de suporte e apoio para lidar com situações do seu cotidiano (LINS; ANDRADE, 2020, p. 84).

O autismo em muitos casos é acompanhado por outras diferenças e condições clínicas que podem prejudicar ainda mais as habilidades sociais de uma criança autista. Entretanto também pode desencadear diversas habilidades e talentos, mas independentemente disso, uma pessoa autista pode precisar de ajuda do parceiro na vida cotidiana (LINS; ANDRADE, 2020).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o transtorno do espectro autista afeta a ordem e a qualidade do desenvolvimento de uma criança. Isso porque o transtorno se caracteriza pelas alterações significativas na comunicação, interação social, comportamento limitado e repetitivo, interesses ou atividades. Desenvolver habilidades básicas é essencial ao lidar com os efeitos do autismo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Nascimento e Borges (2021) enfatizam que o autismo pode afetar até três domínios, a saber: interação social, comunicação e comportamento. Outro déficit é a falta de simbolização, no qual os portadores deste transtorno entendem os símbolos como objetos em si, interpretando literalmente as situações metafóricas. O que comina com uma compreensão falha da realidade.

Inscriver os alunos com autismo nas turmas do ensino regular é um passo importante em busca da mitigação de tais efeitos, mas não garante sua participação. Observe-se:

Estar em uma sala de aula comum, convivendo com as diferenças não significa que de fato as crianças que possuem alguma Necessidade Educacional Especial vão consolidar seu aprendizado da mesma maneira que as outras. Assim, não pode ser considerado Inclusão apenas o fato de a criança estar inserida em uma sala de aula, sem executar nenhuma atividade, sem fazer parte da rotina da turma, estando apenas inserida no espaço, sem qualquer tipo de interação que envolva seu aprendizado ou adaptação no plano de aula do professor para que possa, de fato, aprender (SOARES, 2019, p. 15).

Segundo Martins (2018), as interações entre uma criança autista e outras crianças da mesma idade proporcionam um contexto social que colabora para ter

experiências que criam um compartilhamento de pensamentos, papéis e ações, requer negociação e discussão interpessoal para resolver conflitos.

Atualmente a integração efetiva do autista no ambiente escolar ainda é tarefa árdua, que necessita de desenvolvimento e educadores comprometidos para que se torne realidade.

O AUTISMO E A INCLUSÃO ESCOLAR

A inclusão deve ser ponto indiscutível dentro do ambiente escolar, mas este pressuposto não poderia estar mais longe da realidade hodierna. Mesmo com diversas leis e diretrizes para condução pedagógica, autistas são vistos pelo seu quadro de instabilidade diagnosticado e não como indivíduo capaz (ROZEK, 2009).

Tendo em vista a garantia de pessoal capacitado para realizar ações pedagógicas de inclusão e promoção de socialização do autista no meio escolar por lei, Orru (2012) acredita que indivíduos autistas ainda são muito incompreendidos, por mais que se tenha um conhecimento sobre o transtorno. Isso se dá pelo fato de dizeres populares ainda existirem entre a sociedade além do preconceito e o sentimento de exclusão estarem internalizados.

É necessário que não sejam focalizados apenas os defeitos como está posto, mas que os déficits sirvam como fonte de demonstração de novas capacidades, caminhos alternativos produzidos na coletividade para suprir as possibilidades das ausências (CRUZ, 2014, p.63).

Quando existe a inclusão e ao oportunizar a interação social, esses indivíduos são tratados como seres capazes de se desenvolver e os avanços são significativos, podendo mudar a vida deles completamente. Autistas são pessoas com muitas particularidades, portanto é necessário explorar ao máximo e descobrir formas para contribuir na desenvoltura de pontos fundamentais, promovendo a independência em todos os lugares, até mesmo em um ambiente virtual.

O TEA EM PERÍODO DE PANDEMIA – PERCEPÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Foram vivenciados a nível mundial no ano de 2019, 2020 e 2021 tempos muito difíceis devido à pandemia do COVID-19, e levando em consideração às recomendações da OMS, centrais para a prevenção da saúde, a sociedade esteve em período de distanciamento e isolamento social por um longo período, necessitando adequar-se significativamente a novas rotinas familiares, sociais e escolares (SOARES, 2019).

Sendo assim, o ambiente escolar precisou ser remodelado a fim de cumprir os objetivos de educação cívica, justiça social e inclusão. Por isso, quando se põe em foco a educação durante a pandemia, é possível recordar das aulas online, conversas, gravação de aulas (vídeos), discussões, cenários e feedback escrito. Assim, observa-se que as escolas adotaram novas formas de presença e acompanhamento dos alunos, como aulas e comunicação online professor-aluno-família (MONTEIRO; RIBEIRO, 2018).

Diante do exposto, é verificado que as tecnologias surgiram nesse período como aliadas, criando uma ponte educacional para conectar professor e aluno. Segundo Krasilchik e Marandino (2017), não é possível imaginar a vida moderna sem o uso da ciência e da tecnologia como auxílio à escola, trabalho e lazer e sua eficiência de recursos.

Cabe destacar que essa nova forma de pensar a educação, principalmente a educação inclusiva durante a pandemia, foi algo muito desafiador, e incentiva a reflexão sobre a prática pedagógica para que ela não se torne desconexa e focada em técnicas, incapaz de estimular a compreensão e o desenvolvimento da aprendizagem como sugerido por Moscardini e Sigolo (2012, p. 5):

Essa constatação indica que o sucesso do movimento inclusivo depende da reorganização da prática docente, de modo que essas iniciativas incidam sobre todas as variantes que exercem influência sobre a aprendizagem do aluno, impondo uma realidade na qual os professores compreendam esses sujeitos, a partir do potencial que encerram.

Com base no exposto, compreende-se o quanto é importante considerar a participação dos alunos autistas na educação, como um processo de construção coletiva que diz respeito não apenas ao contexto escolar, mas também às diferentes perspectivas do aluno, incluindo a família.

INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NAS AULAS ONLINE

Para Passerino (2012), pessoas com esse transtorno tem dificuldade em manter contatos sociais, organização, planejamento e a compreensão sobre alguns conceitos acabam ficando muito abstratos, além de obterem por vezes, ações repetitivas e uma certa preferência por objetos, roupas e locais.

Levando em consideração os pontos mencionados, no Manual para as Escolas (2011), é possível analisar que muitas pessoas com TEA apresentam habilidades que superam os déficits. Destaca-se uma notável destreza visual, possuindo facilidade na compreensão de sequencias e conceitos, memória de alto nível e habilidades em fatos mecânicos, de informática e até mesmo musicais. Essas são áreas habilidosas que devem ser exploradas pedagogicamente.

As características das pessoas com TEA constituem um grande desafio aos docentes no âmbito educacional, por serem ações que irão fazer com que o professor tenha que sair da sua zona de conforto. Será preciso trilhar uma nova trajetória de busca, aprendizado e inovação (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2022).

Porém, com a realidade vivenciada nos dias atuais, por conta da Pandemia do Covid-19, o qual fez com que as vidas se reestruturassem de uma maneira totalmente atípica, sendo necessário manter o isolamento social para evitar a contaminação e proliferação da doença, as intervenções pedagógicas limitaram-se e praticamente inexistiram no que se refere aos indivíduos com TEA (MONTEIRO; RIBEIRO, 2018).

É sabido que as crianças com autismo precisam de rotina e essas mudanças bruscas tendem a desencadear agitações maiores do que o comum, o que se torna pior com a falta de suporte escolar (GIKOVATE; BRITO, 2019).

Sugere-se, portanto, que as instituições e principalmente os docentes que realizam trabalhos com autistas, retomem ações com os alunos, auxiliando os pais com um planejamento de rotina, onde a criança/adolescente poderá colocar o uniforme e realizar atividades conforme eram feitas anteriormente, junto com a turma. Os sons das vozes conhecidas, o período de aprendizado e as atividades promovem a calma e possibilitam novas intervenções com o passar dos dias.

Outra sugestão possível, é realizar a exploração das habilidades que os autistas demonstram mais interesse, conforme citado anteriormente. Quando a

atenção é mantida em algo que desperte interesse, se torna mais prático e fácil contribuir no aprendizado e principalmente na busca pela autonomia e independência deles.

Atividades sensoriais, minuciosas e que usem os sentidos, também são grandes aliados nesse momento difícil (NUNES, 2022). Ações pequenas como essa, quando interligadas entre família e escola, tornam o processo mais fácil e promissor, promovendo não somente o aprendizado contínuo, mas a saúde mental desses alunos e de seus pais.

Cada aluno autista é diferente do outro e possui dificuldades e habilidades distintas. Portanto, é necessário que o professor agregue novas possibilidades ao ensino desses alunos e introduza práticas pedagógicas que os façam socializar e comunicar experiências com seus pares para atividades de intercâmbio. Desta forma, além de um trabalho inclusivo efetivo, o desenvolvimento social, efetivo e intelectual de alunos com autismo é alcançado (SOARES, 2019).

Elias (2018) considera que cada portador de TEA é único, dependendo de sua própria história de vida e do meio físico e social em que está inserido, nesse sentido não existe uma forma universal e absolutamente eficaz para todas as pessoas com TEA. É preciso estudar cada caso e planejar tanto as mudanças ambientais quanto o processo de formação para atender às necessidades, levando em consideração suas competências.

O simples fato de que eu, a partir do meu lugar único no existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, o fato de que também para mim ele existe – tudo isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir, em um dado momento, posso fazer por ele: um ato vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente profícuo e novo, e que encontra em mim somente a sua possibilidade (BAKTHIN, 2010, p. 98).

Portanto, diante do aluno autista, busca-se o desenvolvimento de uma pessoa e que esse processo ocorra na escola. Todos devem aprender, e a escola e seus profissionais, principalmente o professor, não podem abrir mão de seu papel e responsabilidade. Pensar no trabalho pedagógico de sujeitos com autismo implica descobrir como tornar a informação acessível por meio da cultura, história e experiência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na senda das reflexões tecidas, foi possível perceber que o caminho a ser percorrido frente à inclusão de alunos com o transtorno de espectro autista dentro do ambiente escolar ainda é muito extenso.

Necessário se faz que os docentes, além de capacitações, busquem constantemente abrir as lacunas internas e se permitam ir além de tudo que sabem. É de suma importância que acreditem e atuem na promoção de um espaço acolhedor para estes indivíduos, de acordo com suas particularidades.

Quando isso for praticado na perspectiva dos referenciais apresentados nesta reflexão, os educadores se tornarão mediadores inclusivos, que oportunizam de maneira igualitária o ensino – aprendizagem entre todos, fazendo a diferença e se tornando marco na vida dos alunos, principalmente na de crianças/adolescentes com TEA.

Superar as barreiras para ensinar crianças com TEA torna-se um grande desafio para quem não vê esses temas como educativos, observando o autismo apenas pela lente da impossibilidade. É fundamental a introdução de estratégias para práticas pedagógicas eficazes, diversificando o currículo para atender os alunos com transtornos do espectro autista.

Os profissionais da educação têm um papel fundamental nesta aprendizagem e os professores resta o constante desafio de responder às novas expectativas, que se traduzem no modelo de educação inclusiva e na concretização do ser professor. É necessário que a educação se assente sobre a ação responsável em seu trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S.; LIMA, R. C.; CRENZEL, G.; ABRANCHES, C. D. Transtornos do espectro autista. In: ALMEIDA, R. S.; LIMA, R. C.; CRENZEL, G.; ABRANCHES, C. D. **Saúde mental da criança e do adolescente**. 2. ed. Barueri: Manole, 2019. p. 66-76. Série Pediatria SOPERJ

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: **American Psychiatric Association**, 2014.

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. **Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BRASIL. Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**, 28 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CAMINHA, Vera Lúcia prudência dos Santos et al. **Autismo: vivências e caminhos**. São Paulo: Blucher, 2016.

CAROTHERS, Douglas E.; TAYLOR, Ronald L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004. Disponível em: <http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CRUZ, Talita. **Autismo e Inclusão: experiências no ensino regular**. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Cartilha direito**. São Paulo: Defensoria pública de São Paulo, 2011. Ed. 1, p. 1-12. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/p9-1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ELIAS, N. C. Transtorno do espectro do autismo e intervenções comportamentais. In: GOLÇALVES, A. G.; CIA, F.; CAMPOS, J. Ap. de P. P. (Org.). **Letramento para o estudante com deficiência**. 1 ed. São Carlos: EdUFSCar, 2018, v. 1, p. 9-14.

GIKOVATE, C. G.; BRITO, A. R. Transtorno do espectro autista. In: PEREIRA, H. V. F. S.; MOREIRA, A. S. S. (Org.). **Neurologia Pediátrica**. 2.ed. Barueri: Manole; 2019. p. 131-139. Série Pediatria SOPERJ.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. Ensino de ciências e cidadania. 2. Ed. São Paulo: **Moderna**, 2017.

LINS, M. C.; ANDRADE, R. A mediação psicopedagógica no processo de aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil. **Revista Educação em Foco**, n. 12, p. 80-95, 2020. Disponível em: <<https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2020/06/A-MEDIA%C3%87%C3%83O-PSICOPELAG%C3%93GICA-NO-PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM-DE-CRIAN%C3%87AS-COM-TRANSTORNO-DO-ESPECTRO-AUTISTA-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MANUAL PARA AS ESCOLAS. **Autismo & Realidade**. 2011. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MARTINS, Maria de Fátima Moreira. Estudos de revisão de literatura. Trabalho apresentado no Curso de Acesso à Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Modalidade: Qualificação. Rio de Janeiro: **FIOCRUZ/ICT**, 2018. 37 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29213>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: Guia Prático. 3. ed. Brasília: CORDE, 2004.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 22, n. esp. 2, p. 905-919, dez., 2018. ISSN: 1519-9029. DOI: 10.22633/rpge.unesp.v22.nesp2.dez.2018.11991

MOSCARDINI, S. F.; SIGOLO, S. R. R. L. Inclusão escolar do aluno com deficiência intelectual: práticas pedagógicas no ensino comum e no atendimento educacional especializado. In: **ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO**, 16. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/INCLUS%C3%83O-ESCOLAR-PR%C3%81TICAS-PEDAG%C3%93GICAS-NO-ENSINO-REGULAR-E-AEE.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

NASCIMENTO, Amanda Lima; BORGES, Fabiana Vigo Azevedo. O lúdico como fator estimulante para o desenvolvimento dos alunos com espectro autista nos anos iniciais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v 7, n 1, p. 1-19, 2021. Disponível em: <<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/103/20052021170243.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

NASCIMENTO, Antônio Vinícius da Silva; OLIVEIRA, Gleiciane Maria Gonçalves. Inclusão e adaptação do aluno com autismo nas aulas on-line em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v.8, n.3, p. 17550-17561, 2022. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/45037>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

NUNES, Joice Carla dos Santos; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. Inclusão de criança com Autismo em Sala de Aula. *Id on Line Rev. Psic.*, Outubro/2022, vol.16, n.63, p. 584-595, ISSN: 1981-1179. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3607/0>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PASSERINO, L. M.; SANTAROSA, L. M. C. Possibilidades da mediação tecnológica na inclusão escolar de autistas. In: XII Workshop de Informática na Escola, **Anais do workshop de informática na escola**, Campo Grande: 2012. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/wie/article/viewFile/900/886>>. Acesso em 4 de nov. 2022.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves (Org.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador/BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2012. p. 217-240. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12005>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ROZEK, M. A educação especial e a educação Inclusiva: compreensões necessárias. **Reflexão & Ação**, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/918>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, Saionara Paulo; OLIVEIRA, Samara Paulo. Inclusão do autista na educação infantil na rede regular de ensino: desafios e perspectivas. **Anais III CINTEDI**: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44711>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOARES, Daniela Praça. A criança com Autismo na escola: possíveis caminhos para a inclusão. 2019 45 f. Orientador: Nivaldo Alexandre de Freitas. TCC (graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Mato Grosso, **Instituto de Ciências Humanas e Sociais**, Rondonópolis, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/1216/1/TCC_2019_Daniela%20Pra%C3%A7a%20Soares.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.